

## Tempo para rezar:

# Mistérios Gozosos e Dolorosos para imitar o que eles contêm

*por David Allen White, Ph.D.*

---

**Nota:** O seguinte texto é um excerto de uma palestra feita em 6 de Junho de 2009 em Cleveland, na Conferência de dois dias sobre Fátima promovida pelo Fatima Center.

O homem moderno é como um esquilo a saltar numa roda giratória. Não fazemos senão ir correndo, correndo, correndo. Mal temos tempo para fazer o trabalho que devemos fazer. As obrigações proliferam. Foi o grande Aleksandr Solzhenitsyn quem disse que nós devemos saltar fora dessa roda se queremos voltar à sanidade da vida. E muito me apraz dizer que eu saltei fora da roda.

Eu reformei-me no dia 2 de Janeiro, e aquilo que eu descobri desde então fascina-me. Vivo num lugar bonito. Eu não o sabia. Agora sou capaz de passear e conseguir distinguir as árvores e os pássaros. Deus deu-nos a natureza para nos deleitarmos, e a natureza é regeneradora. Mas se nós não temos tempo para olhar para a natureza, ela não pode regenerar-nos.

Gasto mais tempo a ouvir boa música. Encontrei um livro escrito por um antigo musicólogo em 1948, o ano em que eu nasci. É uma análise dos concertos de piano de Mozart para o ouvinte comum. Vou-os conhecendo, um de cada vez. Há 27 concertos. Desconfio que vão ocupar-me durante a maior parte do resto da minha vida.

E há ainda a pura alegria de, finalmente, ter tempo para rezar. Na maioria, nós temos de espremer a nossa vida de oração entre essas actividades sem fim, ou rezar enquanto andamos nesse vai-vem daqui para ali, ou quando de manhã nos levantamos antes de sairmos a correr para qualquer lugar, ou à noite, tarde, quando damos por nós a adormecer a meio da nossa oração, não porque queiramos insultar a Deus Nosso Senhor, mas porque estamos exaustos. E eu apercebo-me agora que deveria ter gasto mais tempo da minha vida alijando esta e aquela actividade, ou não me preocupando com certas coisas.

Assim, este velho esquilo dá-vos um conselho: saltem para fora dessa roda. É uma loucura. E nunca se vai a lado nenhum. A roda só anda de roda e, quanto mais depressa se corre, mais depressa a roda gira, e mais depressa se chega a lado nenhum.

## Tempo para rezar

Talvez a maior alegria que tenho desde a minha reforma seja o facto de, na maior parte dos dias, eu ter tempo para rezar todos os quinze Mistérios do Rosário num lugar descansado e silencioso. Não-de reparar que esta bela imagem mostra Nossa Senhora com o Terço nas Suas mãos, e o Escapulário. E Nossa Senhora disse-nos há muito tempo atrás — recebemos a mensagem por meio de S. Luís Maria Grignon de Montfort — que há-de vir o tempo em que os fiéis serão deixados com o Terço e o Escapulário.

Para onde foi tudo o mais? Estamos a começar a ver como certos aspectos da Fé, que os Católicos ao longo da vida tomavam como certos, estão a desaparecer ou a tornar-se difíceis de encontrar. Mas, ao mesmo tempo, Nossa Senhora disse que Ela havia um dia de ajudar a salvar o mundo através do Terço e do Escapulário. Esses serão os meios pelos quais o Seu Imaculado Coração triunfará. Isto é de uma grande consolação. Sabemos que esse dia de triunfo há-de chegar.

Mas como é que chegamos a esse momento? Uma maneira é ser fiéis ao Terço e compreender as promessas do Terço. Bem sabemos que o Terço é uma grande ajuda para a salvação. Aqueles que rezam o seu Terço regularmente, como a Senhora pediu, aumentam as suas possibilidades de irem para o Céu.

Ora bem, nunca podemos presumir. A presunção é um pecado. E os Santos nunca anunciaram que iriam para o Céu. Em total humildade, estavam prontos a dizer que esperavam o Céu, que é a esperança que todos nós devemos ter.

Foi mostrada a Santa Teresa de Ávila a visão do lugar que lhe estava reservado no inferno. Todos nós temos um canto que nos está reservado lá nas profundas. Se vamos para lá ou não, é escolha nossa. Por isso, não devemos presumir que vamos para o Céu. Não devemos desesperar em como vamos para o inferno. O que devemos é ter esperança e rezar o Terço.

O “Juízo Final” de Miguel Ângelo, essa grande pintura por detrás do altar na Capela Sistina, é tão cheio de movimento e de vida que é difícil abarcar tudo de uma vez. Uma das minhas partes favoritas desta enorme pintura é um grande anjo que está numa nuvem pequena. O anjo tem um Rosário, e há duas almas agarradas ao Rosário que este anjo enorme vai levantando em direcção ao Céu.

É belo: duas almas sendo erguidas para o Céu agarradas ao Rosário. Quando eu agora rezo o Terço, tento manter na imagem na minha cabeça essa cena. Vou agarrar-me àquele Rosário e ter a esperança de que, pela graça de Deus, e pelos Seus anjos, e pela nossa Bem-Aventurada Mãe, serei erguido para lá, apesar do peso dos pecados da minha vida inteira, para não mencionar a minha carne, que me puxa sempre para o que está em baixo.

Vou falar-lhes dos Mistérios do Rosário, e vou dividi-los do seguinte modo: hoje vou falar sobre os Mistérios Gozosos e os Dolorosos, num contexto particular, e amanhã falarei sobre os Mistérios Gloriosos.

Porque é que estou a dividir assim os Mistérios? Pela simples razão de que, quando rezamos no fim do Rosário, pedimos que nos seja dado imitar o que os Mistérios contêm e obter o que eles prometem. Se vamos imitar o que contêm, devemos certamente imitar o que se contêm nos Mistérios Gozosos e Dolorosos. Porque, como almas que somos, vivendo em corpos neste mundo, o que conhecemos são alegrias e tristezas. Esperamos obter o que é prometido pelos Mistérios Gloriosos. Esperamos obter o que se segue à morte, com a ressurreição dos nossos corpos.

(Nota do editor: Trataremos aqui directamente e apenas dos Mistérios Dolorosos)

### **Traição e flagelação**

O primeiro dos Mistérios Dolorosos é a Agonia no Horto das Oliveiras. Nós estamos lá. Se vamos imitar o que eles contêm, precisamos agora de imitar a Agonia de Nosso Senhor no Horto, porque Ele sabe o que se há-de seguir.

E o que sabia Ele? Sabia que o grande sacrifício que Lhe era pedido iria realizar-se. E pediu: “Que esta taça passe dos Meus lábios. Mas em todas as coisas, seja feita a Tua vontade e não a Minha.” Era a Sua natureza humana a falar. E como seres humanos, como os que acreditavam n’Ele e Lhe eram dedicados, quando meditamos naquele grande mistério da Agonia no Horto, podemos dizer a mesma coisa a Deus: “Não nos façamos passar por isto. Vai ser terrível e doloroso, e eu não quero.” Mas depois devemos acrescentar estas palavras: “não se faça a minha vontade, mas sim a Vossa.”

Porque é que Ele sofre esta agonia no Horto? Porque foi traído. Um dos Seus discípulos atraiçoou-O. E na Sua Agonia, quando se virou para os outros, estavam a dormir profundamente. “Como, não podíeis velar Comigo durante uma hora?” O que significa que os Seus O atraiçoariam, e até os que queriam estar com Ele não tinham energia para se manterem acordados e velarem com Ele. É a agonia.

Se vamos meditar no que está contido aqui, imitar o conteúdo, devemos preparar-nos para uma agonia solitária quando formos atraiçoados por aqueles em quem confiamos. E quando aqueles que esperávamos que ajudassem adormecerem, iremos ficar sozinhos.

Cada um de nós tem a sua história de traição de família. O que fez o mundo moderno? Destruí as famílias, reduzindo-as a bocados. Estou certo de que todos estão a rezar por pessoas de família. Desapontamento, divisão, traição, desgostos, dores — é aqui que chegámos. Não é algo que vem aí, é onde já estamos.

Estou hoje a falar-lhes, no 65º aniversário do Dia D. O meu pai combateu naquela guerra. Tive um tio que tomou parte nesse desembarque. E estou aqui para lhes dizer que esses homens foram traídos. Combateram. A sua Pátria chamou-os, e eles foram, e

lutaram, e voltaram para casa, para um país que estava cada vez mais socialista, que permitia o aborto, que agora permite aquilo a que chamam “casamento gay”. Tal coisa não existe. É uma loucura.

E o meu pai, que Deus tenha a sua alma, converteu-se dois meses antes de morrer. Sentou-se numa cadeira e disse: “Nunca sonhei que chegássemos a isto. Nunca pensei.” Foi uma traição.

A maior escritor católico moderno é Evelyn Waugh, e o seu último romance importante foi uma obra em três volumes sobre a 2ª Guerra Mundial, chamada *Espada de Honra*. É actualmente reconhecido por quase toda a gente, e pelos críticos, como o maior romance sobre a 2ª Guerra Mundial. Ninguém o conhece. Há uma razão para não ser conhecido. É uma obra-prima. O primeiro volume é *Homens de Armas*; o segundo, *Oficiais e Cavalheiros*; e o terceiro, *Rendição incondicional*. Mas não deixaram que o imprimissem na América com esse título. Chamaram-lhe *O fim do combate*.

Nesse romance, o autor diz a verdade sobre aquela guerra de uma perspectiva católica, que é esta: o mundo ocidental perdeu. A América perdeu. A Europa perdeu. E quem ganhou? Foram os Comunistas. E no começo do romance, o herói, Guy Crouchback, vai rezar junto da sepultura de um dos seus antepassados, que combateu nas Cruzadas, esperando vir a ser um Cruzado por Cristo, ao combater o mal nesta nova guerra. E no decurso do livro, compreende o que se estava a passar. Com quem estamos a aliar-nos para combater o mal?

Como Solzhenitsyn disse em *O Arquipélago Gulag* sobre o Ocidente, o nosso erro foi que, para combater o mal, aliámo-nos com o mal. E não se pode vencer o mal comprometendo-nos com o mal. No terceiro volume da trilogia de Evelyn Waugh, a espada de Stálin é oferecida ao povo inglês como um agradecimento de Stálin por tudo o que o povo inglês fez para ajudar os Comunistas a alcançar a vitória, e entregar a Europa Oriental aos Comunistas, que levaram dores e sofrimentos terríveis a esses povos durante décadas.



## Ave Maria!

E depois o Muro de Berlim caiu, e onde é que estamos agora? Não foi o fim do Comunismo. A única coisa que se pode dizer a favor dos Comunistas é que ainda não permitiram este disparate de um falso “casamento gay”. Não o permitem. Nós descemos *ainda mais baixo!* Traição.

E depois, que o Céu não permita, o jornal oficial do Vaticano virá dizer que o Presidente Obama é um moderado e louvar os primeiros cem dias da sua administração. Traição!

Mas nós sabemos que a traição já vem de longe. Não vou falar do Vaticano II; não posso falar desse assunto, porque fico muito perturbado. Mas deixem-me apenas dizer isto: teria sido um acaso o facto de a explosão do aborto se ter dado imediatamente depois de ter sido introduzida a Nova Missa? Quando o Sacrifício do Altar se tornou a refeição da comunidade em volta da mesa de jantar, quando o sacrifício incruento se transformou na fraternidade dos crentes a cantar Kumbaya de mãos dadas, o aborto explodiu por toda a parte. E o demónio teve o seu momento. E se o sacrifício incruento ia acabar, ele entrou e começou a massacrar os inocentes enquanto o mundo regressava à adoração de Moloch. Legalmente! E todos se deixaram ficar. Mas como somos bem educados, escrevemos cartas aos jornais e assinámos petições.

Nosso Senhor disse: “Olhai! Eis que Eu não venho trazer a paz, mas sim a espada.” Deus abençoa os cruzados. Deus abençoa-os. Assim tivéssemos nós semelhante coração. Não o temos e agora já está. Vamos percorrer a nossa agonia, mas o que virá a seguir? A Flagelação na Coluna. Bem nos podemos preparar para o sofrimento físico. O que é a Flagelação na Coluna? Nosso Senhor, que era Deus, foi flagelado preso a uma coluna. E isso provoca dor física. Uma extraordinária Paixão. Estejam preparados para isso.

Todos estamos a par da crise económica. Não vou agora falar nela, mas deixem-me apenas dizer isto: vivemos num mundo que pensa que a comida vem dos supermercados. E não vem. Quando o sistema se desorganizar e os camiões não circularem, as prateleiras ficarão vazias-Vem aí a fome. Vem aí. Nós não iremos ter comida.

## **Da Coroação até ao Calvário**

E depois, o que é? É a Coroação, com Espinhos. Cristo, o Rei escarnecido. Escarnecido! Se eles troçam do próprio Deus, o que farão de nós se professarmos a nossa Fé como Católicos crentes? Apesar do nosso amor por Nosso Senhor e por Nossa Senhora, ainda temos orgulho nos nossos corações. Não podemos livrar-nos do orgulho.

O grande escritor T.S. Eliot disse num dos seus últimos poemas: “e a única sabedoria que nós podemos esperar adquirir é a sabedoria da humildade; a humildade é sem fim.” Nós não podemos nunca ser humildes demais em face de Deus, o Deus Único

em Três Pessoas distintas, e de Nossa Senhora. Estejam prontos para serem escarnecidos. Estejam prontos para serem humilhados. Estejam prontos para tudo isso.

E depois, o que é? É levar a Cruz às costas. Ora nós sabemos, desde o tempo em que éramos pequenos, que Deus envia as Suas cruzes. É uma marca do Seu amor por nós. Shakespeare, numa das suas últimas peças, *Cymbeline*, pôs o deus Júpiter — porque não podia mencionar o Deus verdadeiro, o que era proibido no palco; a revolução já tinha chegado aí há quatrocentos anos — a dizer ao herói: “Castigo a quem mais amo, para que as minhas dádivas sejam, quanto mais tardias, mais apreciadas.” A oferta há-de vir. O prémio há-de vir, mas está atrasado. Há-de vir. Devemos carregar com a cruz. E para onde a vamos carregar? Até ao Calvário. Portanto, nós devemos estar preparados para imitar aquilo que os Mistérios Dolorosos contêm: para agonizar, sofrer dores físicas, ser humilhado, cuspidos, amaldiçoado; devemos carregar aquela cruz até pensarmos que não podemos carregá-la mais, e depois ser crucificados nela.

Solzhenitsyn, nas páginas de *O Arquipélago Gulag*, diz e repete que, quando vierem à vossa procura, quando vos baterem à porta, ainda assim nada aprenderéis. O livro era um aviso. Pouca gente no Ocidente o leu. Estávamos ocupados a ler Tom Clancy e Stephen King.

Um dos meus comentadores económicos favoritos — falando do povo americano a ver o Governo imprimir 14,1 triliões de dólares de dinheiro novo, o que significa que estamos a caminhar para uma hiper-inflação, com uma deflação simultânea, e que qualquer dia precisamos de um carro de mão para levar o dinheiro necessário para comprar um pão, se por acaso houver algum pão para comprar — disse no fim do seu último artigo: “Os americanos são tão estúpidos como uma caixa cheia de calhaus.” É verdade, mas preparem-se para verem esses calhaus a serem-lhes arremessados enquanto carregam a cruz, e para serem apedrejados quando estiverem pregados a ela.

## Os Dois Ladrões

Ora nós também sabemos, se meditámos na Crucifixão, que havia dois ladrões, dois pecadores, um de cada lado de Nosso Senhor. Santo Agostinho, num dos seus comentários mais famosos — há muitos anos que o conservo junto ao meu coração — diz: “Não desespereis, um dos ladrões foi salvo.

Não presumais, um dos ladrões foi condenado.” Quando chegar a altura e vos puserem lá, o que acontecerá? Apedrejado, como Santo Estêvão? Cravado de setas, como S. Sebastião? Grelhado, literalmente falando, como S. Lourenço? Pregado talvez numa cruz, como Nosso Senhor? Ou talvez como aqueles grandes mártires que morreram no Gulag, em campos de concentração, Católicos que foram antes de nós. Devemos lembrar-nos de que muitos Católicos ali morreram.



Devemos lembrar-nos de que sofrer faz parte da nossa condição, se vamos imitar o que está contido nos Mistérios Dolorosos. A questão, para nós, é esta: pararemos em qualquer altura, por sermos incapazes de passar pelos Mistérios Dolorosos? Não quereríamos nós imitar Nosso Senhor desde o horto até ao Calvário? Pois o que devemos fazer é continuar até ao fim, e mesmo então, ali pregados, iremos nós ser o pobre ladrão que diz: “Lembraí-Vos de mim, Senhor, quando entrardes no Vosso Reino”? Ou o outro ladrão que troça d’Ele? Não desesperemos, um dos ladrões foi salvo. Não presumamos, um dos ladrões foi condenado.

Nossa Senhora diz-nos que é a altura, o tempo do Seu Rosário. Preparai-vos para imitar o que aqueles Mistérios contêm. E talvez, ao atravessarmos aqueles desgostos, aquelas dores, aqueles sofrimentos, aquela miséria, possamos recordar a alegria da inocência, e oferecer os nossos sofrimentos pelos cinquenta milhões de bebés americanos mortos, abortados, que nunca chegaram a viver. E qualquer sofrimento que atravessarmos será pequeno, comparado com o deles e com o que Nosso Senhor e Salvador suportou, e alegrar-nos-emos nos nossos corações por nos ser permitido imitar o Seu sofrimento. Que Deus nos conserve fortes, e que Deus nos abençoe.